

## NOTAS SOBRE CONSTRUÇÕES DE INDETERMINAÇÃO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Marco Antonio Martins<sup>1</sup>

Izete Lehmkuhl Coelho<sup>2</sup>

marcobarcellos@hotmail.com

izete@cce.ufsc.br

**RESUMO:** Examinaremos sincronicamente a variação de construções de indeterminação no PB em duas amostras distintas: de fala e de escrita. Duas gramáticas atreladas a distintos fatores sociais e lingüísticos parecem estar operando, de modo que a variante conservadora com se parece ceder espaço para a variante inovadora sem se.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indeterminação; construções com se; variação.

### INTRODUÇÃO

O objetivo deste artigo é apresentar um estudo sintático-variacionista acerca de algumas construções de indeterminação no português do Brasil (doravante PB)<sup>3</sup>. Dentre as estruturas para expressão da indeterminação nessa língua<sup>4</sup>, tomamos neste artigo apenas as construções transitivas de terceira pessoa do singular ora com *se indeterminador enclítico/proclítico* e ora com a realização (ou não) de um *pronome pessoal*. Norteados por uma análise da sintaxe destas construções (cf. MARTINS 2005)

---

<sup>1</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e bolsista do Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

<sup>3</sup> Os resultados ora apresentados são provenientes do terceiro capítulo da dissertação de Mestrado de Martins (2005), orientada pela professora Izete Lehmkuhl Coelho. Especial agradecimento às Professoras Edair Maria Görski e Isabel Monguilhott pela leitura atenta e sugestões.

<sup>4</sup> Para uma análise panorâmica dos recursos de indeterminação da(s) gramática(s) do PB, assim como para um tratamento variacionista das formas lá envolvidas, remetemos à Menon (2006).

nos referimos às estruturas transitivas Verbo + SE (enclítico ou proclítico) como *construções com se* e às estruturas com a realização de um pronome pessoal como *construções sem se*. Para analisar o processo de variação envolvendo tais construções, estabelecemos, assim, as seguintes variantes: (i) *se* indeterminador enclítico; (ii) *se* indeterminador proclítico; e (iii) construções *sem se* (com pronome expletivo – EXPL – ou com pronome pessoal).

Nossa análise variacionista se ancora nos pressupostos da teoria da variação e mudança (cf. WEINREICH, LABOV e HERZOG 1968 e LABOV 1982; 1994), a partir de uma análise sintática (cf. CHOMSKY 1995). Pretendemos, ainda, discutir a proposta de Anthony Kroch (1989; 1994) a respeito de gramáticas em competição, e verificar se a alternância das variantes pode refletir (ou ser o reflexo de) diferentes gramáticas associadas a distintos contextos sócio-estilísticos quando consideradas amostras de língua escrita e de língua falada.

Propomos como questões norteadoras: (i) qual a distribuição estatística das três variantes em amostras de língua falada e de língua escrita? (ii) quais as correlações entre as variantes e variáveis lingüísticas e sócio-estilísticas? (iii) é possível dizer que o uso de cada uma das variantes, quando considerados contextos sociais como *escolaridade*, é indício de gramáticas em competição?

O artigo está assim organizado: na primeira seção, descrevemos as variáveis lingüísticas e sócio-estilísticas e as amostras utilizadas. Resultados sócio-estilísticos relativos à terceira variante, construções *sem se*, serão apresentados na seção dois, seguidos de resultados referentes às propriedades lingüísticas (i. e. morfossintáticas) destas construções. Fecharemos nossa discussão na terceira e última seção.

## **1. AS CONSTRUÇÕES DE INDETERMINAÇÃO**

### **1.1 SOBRE AS VARIÁVEIS E POSSÍVEIS CORRELAÇÕES**

Estudos como os de Nunes (1990) e de Martins, AM (2003) mostram que as construções transitivas do tipo Verbo + SE sofreram um processo de mudança em que o *se* passivo é reanalisado como *se* indeterminador. Além desse processo de mudança, autores como Galves (2001) e Figueiredo Silva (1996) apontam um outro, o de elipse do *se* nestes tipos de construções. Para verificar se, de fato, esses processos de mudança

podem ser observados em amostras de fala e de escrita do PB atual<sup>5</sup>, acreditamos que seja necessário considerar o processo que alterna (1) por (2) e outro que alterna (2) por (3)<sup>6</sup>.

- (1) (Nesta casa/aqui) Cozinha-*se* feijão (nesta casa/aqui).
  
- (2) a. ? Cozinha feijão<sup>7</sup>  
b. Nesta casa/aqui cozinha feijão.  
c. ? cozinha feijão nesta casa /aqui.  
d. Feijão cozinha nesta casa/aqui.
  
- (3) a. (Nesta casa/aqui) *se* cozinha feijão (nesta casa/aqui).  
b. (Nesta casa/aqui) *A gente* cozinha feijão (nesta casa/aqui).  
c. Esta casa cozinha feijão.

Observe que, num primeiro momento a gramaticalidade de uma estrutura *Verbo + se + Sintagma Nominal (SN)* não depende da presença, anteposta ou posposta, de uma construção localizadora (temporal/espacial), ver (1). A elipse de *se* neste tipo de estrutura, num segundo momento, parece exigir a presença de construções localizadoras, ver (2); ou, ainda, parece permitir (ou preferir) construções com a realização de um pronome pessoal para a expressão da indeterminação, ver (3).

A partir das possibilidades ilustradas em (1), (2) e (3), delimitamos, a seguir, a variável dependente da análise variacionista realizada: construções de indeterminação com *se enclítico/proclítico* e sem *se* (com pronome expletivo – EXPL – ou com pronome pessoal), que corresponde às seguintes variantes:

- (i) *Se indeterminador enclítico:*

---

<sup>5</sup> A não concordância entre o verbo e o argumento interno destas estruturas será tomada aqui como uma fase do processo de mudança que envolve as construções com *se indeterminador* num estágio já bastante avançado no PB (cf. NUNES 1990 e, em amostras de textos escritos em língua padrão, cf. CAVALCANTE 1999 e MARTINS, MA 2003).

<sup>6</sup> Outro processo a *se* considerar parece fazer parte de um estágio intermediário com estruturas que apresentam expressões localizadoras (espaciais ou temporais). Processo este que não será considerado estatisticamente aqui.

<sup>7</sup> O símbolo ? indica que a estrutura em questão não é uma boa construção na gramática do PB.

(4) Eram umas festas muito boas, [muito]- fazia-se blocos, viu? *FLP08L0397*<sup>8</sup>

(ii) *Se indeterminador proclítico:*

(5) Comércio é uma escola, *se* aprende muita coisa. *FLP04L0971*

(iii) *Estruturas sem se* (com pronome/sujeito *expletivo EXPL* ou com pronome pessoal)

(6) E também quando ia alguém na casa da gente, que não queria ir embora, *a gente* varria a casa. *FLP08L0413*

As variáveis independentes consideradas na análise, atreladas a algumas hipóteses pertinentes à discussão de nosso objeto de estudo, encontram-se descritas a seguir:

(a) *Preenchimento (ou não) da posição à esquerda da construção de indeterminação*: esperamos diagnosticar com o controle desta variável que a anteposição de massa foneticamente realizada à construção seja um ambiente favorecedor da aplicação das construções *sem se*, como ilustra (7), a seguir.

(7) (ARROZ) *a gente* comia pouco, porque arroz era muito caro, *FLP08L1202*

(b) *Ordem das expressões localizadoras (espaciais e temporais)*: esperamos que a anteposição desse tipo de expressão seja favorável à aplicação da construção *sem se*. Acreditamos que o alçamento dessas expressões teria que se dar para uma posição mais alta que a de sujeito da estrutura.

(8) Hoje *você* faz negócio com o irmão ou com o cunhado para escapar do risco.  
*Veja, 28 de Abril de 2004 – PA*<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> Os exemplos doravante citados com este código foram extraídos da amostra do projeto Variação Lingüística Urbana da Região Sul (VARSUL). O código refere-se à cidade, ao número e à linha da entrevista, respectivamente.

<sup>9</sup> Os exemplos doravante citados com este código foram extraídos da amostra de língua escrita formada por textos da revista *Veja* do período de Abril de 2003 a Abril de 2004, conforme especificado na seção 1.2 subseqüentemente. Este código refere-se ao dia, mês e ano de publicação da revista e ao tipo de texto

(c) *Forma de realização do pronome pessoal*: nosso propósito com esta variável é o de observar a frequência de uso de cada uma das formas pronominais (*a gente, tu e você*) nas construções de indeterminação. A hipótese aventada para essa variável é a de que o pronome pessoal *a gente* seja a forma mais usada nas construções *sem se*.

(9) *A gente* botava três montinhos de sal no fogo pra pessoa ir embora.  
*FLP08L0421*

(d) *Tipo de texto*: nossa hipótese, em relação à amostra da revista *Veja*, é de que a entrevista, por mais se aproximar da língua falada, tenda a apresentar uma maior recorrência da construção *sem se*.

(e) *As variáveis sociais*: os fatores sociais observados na amostra do VARSUL foram a *idade* e a *escolaridade*. A variável *idade* foi controlada com o objetivo de verificar se há algum indício de mudança em curso e se o uso da construção *sem se* está associado à fala dos mais jovens. A variável *escolaridade*, por sua vez, foi levantada com o intuito de discutir a proposta de Anthony Kroch (1989; 1994). O pressuposto é o de que as variantes construções *com* e *sem se indeterminador* pertençam a distintas gramáticas, muito embora superficialmente pareçam refletir a mesma, como veremos na discussão dos resultados.

## 1.2 SOBRE AS AMOSTRAS E RODADAS ESTATÍSTICAS

Para a investigação empírica das construções de indeterminação, utilizamos uma amostra de língua falada e outra de língua escrita, extraídas do banco de dados do projeto Variação Lingüística Urbana da Região Sul (VARSUL) e de textos da revista *Veja* (no período de Abril de 2003 a Abril de 2004), respectivamente. Em relação à amostra do VARSUL, utilizamos dezesseis entrevistas da cidade de Florianópolis, socialmente estratificadas<sup>10</sup>, enquanto a amostra da revista *Veja* foi constituída por

---

(PA – Entrevistas das Páginas Amarelas; PV – editorial Ponto de Vista e EF – editoria Em Foco), respectivamente.

<sup>10</sup> As entrevistas foram estratificadas da seguinte maneira: oito informantes com Escolaridade *Primária* – quatro com informantes de 25 a 49 anos e quatro com mais de 50 anos – e oito informantes com Escolaridade *Colegial* – quatro com 25 a 49 anos e quatro com mais de 50 anos.

sentenças extraídas das entrevistas das páginas amarelas e de dois editoriais – *Ponto de vista* e *Em Foco*.

Os dados foram coletados e categorizados de acordo com a metodologia da teoria da variação e mudança<sup>11</sup>. As construções de indeterminação com quantificadores, tais como *todo*, e expressões como *a pessoa*, *o cara*, *o camarada* não foram consideradas na análise; apenas as estruturas com a presença de *se indeterminador* (*enclítico* e/ou *proclítico*) e as construções na terceira pessoa do singular *sem se* (com pronome/sujeito *EXPL* ou com um pronome pessoal) compõem as amostras descritas. As construções de indeterminação na terceira pessoa do plural como *vendem flores na cidade*, apesar de se tratar de uma forma bastante produtiva na língua, não foram computadas porque, juntamente com aquelas na primeira pessoa do plural, como em *vendemos flores*, são outras formas de indeterminação de que a língua dispõe distintas das aqui analisadas.

Os dados de cada amostra foram, então, independentemente, submetidos ao sistema logístico VARBRUL (cf. versão PINTZUK 1988). Os resultados fornecidos pelo programa são frequências e probabilidades (pesos relativos) de aplicação da regra da variável analisada (ou de suas variantes) segundo as variáveis independentes, sociais e lingüísticas, controladas.

Apesar de a variável dependente do presente estudo ser ternária, três rodadas binárias distintas para cada amostra foram feitas. Na primeira delas, denominada Rodada 1, a aplicação da regra foi a variante *sem se* (com pronome/sujeito *EXPL* ou com pronome pessoal), que se opõe às construções *com se* (*proclítico* e *enclítico*). Nosso propósito com tal escolha foi o de buscar o ambiente (sócio)lingüístico correlacionado (ou não) ao uso da variante *sem se* em ambas as amostras. Numa segunda etapa, denominada Rodada 2, optamos pela variável construções *com se*, qual seja, construções com *se enclítico* versus construções com *se proclítico*. Por fim, na terceira etapa do processo, denominada Rodada 3, a aplicação da regra foram as construções com *se enclítico* versus as construções com *se proclítico* somadas aquelas *sem se*. As Rodadas 2 e 3 nos permitiram observar as propriedades morfossintáticas de *se enclítico*, por um lado, e as de *se proclítico* e das construções *sem se*, por outro. Por um corte metodológico, neste trabalho, discutiremos, em especial, os resultados estatísticos da Rodada 1, ou seja, das construções *sem se*.

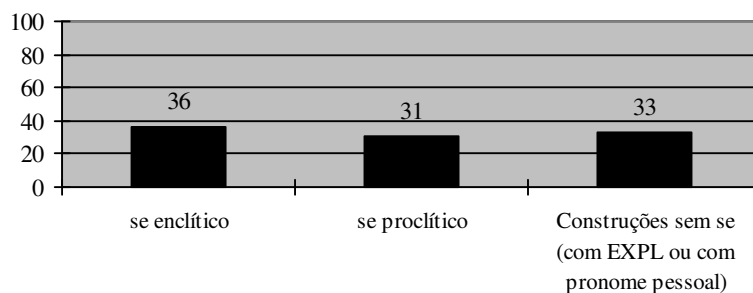
---

<sup>11</sup> Para maiores detalhamentos dos procedimentos metodológicos pertinentes a uma análise variacionista remetemos a Mollica & Braga (2004).

## 2. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

As amostras analisadas estão constituídas por 160 dados da Revista *Veja* e 366 da amostra VARSUL. Conforme já mencionado, foram controlados grupos de fatores sócio-estilísticos e lingüísticos. Na rodada 1, relacionada à construção *sem se*, foram significativas as seguintes variáveis sócio-estilísticas: *tipo de texto* para a amostra *Veja* e *escolaridade* e *idade* para a amostra VARSUL. Com relação às variáveis lingüísticas, a variável *preenchimento (ou não) da posição à esquerda da construção de indeterminação* foi selecionada nas duas amostras. Os resultados dessas variáveis serão objetos de discussão nas seções 2.1 e 2.2.

A distribuição geral das variantes em relação à amostra da revista *Veja* mostra certo “equilíbrio” no uso das variantes em questão. Dos 160 dados da amostra, 57 (36%) foram de construções com *se indeterminador enclítico*; 50 (31%) de construções com *se indeterminador proclítico*; e 53 (33%) foram de construções *sem se* (com pronome/sujeito *EXPL* ou com pronome pessoal), conforme ilustra o *gráfico 1* e exemplificam (10), (11) e (12), a seguir.



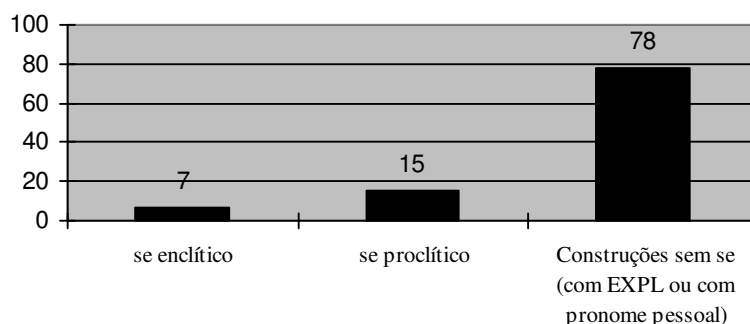
**Gráfico 1:** Distribuição geral das variantes - Amostra *Veja*

(10) Antigamente dizia-se que o conhecimento humano dobrava a cada dezoito meses. *Veja 6 de ago. de 2003 – PV*

(11) Embora numa primeira observação *se* possa colocar tais decisões na conta do pragmatismo, ou do calor de um momento de crise, há algo mais nessas escolhas. *Veja 6 de ago de 2003 EF*

(12) Antigamente *você* precisava entender de mecânica para dirigir um carro. *Veja 6 de ago. de 2003 – PV*

No que tange à amostra de língua falada extraída do banco de dados VARSUL, os resultados do *gráfico 2* abaixo mostram que do total de 366 dados extraídos das dezesseis entrevistas, as construções com *se indeterminador enclítico* ou *proclítico* são menos recorrentes quando contrapostas àquelas *sem se*. Dos 366 dados, 285 (78%) são de construções *sem se*, o que inclui aquelas construções com um pronome pessoal, contra 81 sentenças (22%) das demais construções com *se* (enclítico e proclítico).



**Gráfico 2:** Distribuição geral das variantes - Amostra VARSUL

Tal distribuição, quando confrontamos os resultados obtidos nas duas amostras (gráficos 1 e 2), parece ser um indício de que o processo de mudança está bastante adiantado na fala<sup>12</sup>, ou seja, a frequência de uso da variante *sem se* é significativamente superior ao uso das demais variantes (isto é, das construções *com se enclítico* ou *proclítico*) na amostra de língua falada.

Vale salientar também que das 285 construções *sem se*, 206 (o que equivale a 72%) são com a realização de um pronome pessoal, como *a gente*, *você* e *tu*. E destas construções com pronomes pessoais, 110 são ocorrências com a forma *a gente*, 49 com a forma *você* e 47 com a forma *tu*. Essa distribuição confirma nossa expectativa.

## 2.1 CONSTRUÇÕES “SEM SE” E VARIÁVEIS SÓCIO-ESTILÍSTICAS

Na amostra de língua escrita da revista *Veja*, considerando o controle da variável independente *tipo de texto*, as *entrevistas* mostram-se um ambiente favorecedor do uso da variante *sem se*, conforme observamos na tabela 1, a seguir. Enquanto os *editoriais* apresentam 19% de aplicação das construções *sem se* e um peso relativo de 0,32, as *entrevistas* apresentam um percentual de 38% de aplicação e peso de 0,57. Entendemos

<sup>12</sup> É importante ressaltar que não pretendemos comparar as amostras de fala e de escrita, mas sim evidenciar em cada uma delas o processo de mudança.



aqui que esses resultados refletem o fato de as entrevistas, apesar de passarem por edição (e, conseqüentemente, por revisões e todos os pressupostos que tal processo acarreta), apresentarem uma maior aproximação com a língua falada o que caracteriza uma maior recorrência de uso da variante *sem se*.

	Apl/total	%	PR.
Editoriais	8/42	19	0,32
Entrevistas	45/118	38	0,57
Total	53/160	33	

LOG LIKELIHOOD: -91.174      SIGNIFICANCE: .032

**Tabela 1:** Frequência e probabilidade das construções *sem se* segundo a variável *tipo de texto* (amostra Veja)

Em relação à amostra VARSUL, a variável *escolaridade* foi selecionada como o primeiro contexto estatisticamente significativo no uso da variante *sem se* nas três rodadas realizadas pelo pacote estatístico VARBRUL (Rodadas 1, 2 e 3). Valendo-nos da proposta de Anthony Kroch (2001) no que se refere ao contexto de uma mudança sintática, podemos argumentar que, para a expressão da indeterminação na gramática do PB, as construções *com se* e as construções *sem se* (com pronome/sujeito *EXPL* ou com pronome pessoal) parecem refletir, nesse sentido, propriedades de diferentes gramáticas, marcadas por diferentes registros sociais, aqui evidenciadas pela distribuição dos fatores da variável *escolaridade*.

Na proposta de Kroch e de seus colaboradores, sempre que a frequência superficial do uso de uma dada forma/estrutura estiver mudando, os falantes são hábeis para associar corretamente tais mudanças com suas origens (causas) gramaticais. A proporção da mudança, deste modo, segue uma escala logística (com base na frequência de uso) que motiva um efeito de cadeia – pensado aqui como o problema do *encaixamento* lingüístico, como proposto já em Weinreich, Labov & Herzog (1968). Adiante, uma das formas torna-se obsoleta por preferências estilísticas ou flutuações estatísticas ou as duas formas tornam-se estáveis no sistema devido a diferenças de sentido e/ou de propriedades gramaticais.

Observemos os resultados apresentados na tabela 2, a seguir.

	Apl/total	%	PR.
Primário	183/210	87	0,63
Colegial	102/156	65	0,33
Total	285/366	78	

LOG LIKELIHOOD: -166.802 SIGNIFICANCE: .050

**Tabela 2:** Frequência e probabilidade das construções *sem se* segundo a variável *escolaridade* (amostra VARSUL)

Os resultados parecem evidenciar que a construção *sem se* está correlacionada à variável social *escolaridade*<sup>13</sup>. O fator *primário*, com um peso de 0,63, é um ambiente favorável à aplicação da regra, ou ao uso da construção *sem se*, enquanto as demais variantes *com se* (enclítico ou proclítico), conforme resultados das rodadas 2 e 3 apresentados na nota 14 a seguir, com pesos de 0,25 e 0,29, não<sup>14</sup>.

O que mostram tais resultados é que na língua falada o uso das variantes é, acima de tudo<sup>15</sup>, estilisticamente marcado: enquanto o uso da variante *sem se* está atrelado a uma fala vernacular, sem o monitoramento da escola (pensada aqui como apregoadora de uma gramática normativa), o uso da variante conservadora, com o clítico *se*, é favorecido pela influência da escola, ou por um maior nível de escolaridade – *colegial*, conforme os resultados aqui discutidos.

Ainda, em relação à frequência de uso e probabilidade da variante *sem se* e aos fatores sociais, na Rodada 1, a variável *idade* também se mostrou significativa. Tal variável foi a quarta selecionada pelo pacote estatístico VARBRUL na amostra do VARSUL. Como esperado<sup>16</sup>, a probabilidade de uso da variante *sem se* está atrelada à faixa etária mais jovem, com 87% de aplicação da regra e um peso de 0,62, conforme os resultados apresentados na *tabela 3* ilustram<sup>17</sup>.

<sup>13</sup> Nas Rodadas 2 e 3, em que a aplicação da regra é a construção com *se enclítico* “confrontada” com (i) o *se proclítico* e (ii) com o *se proclítico* somado às construções *sem se*, os percentuais e as probabilidades são: na Rodada 1, 15% (0,25) para o fator *Primário* e 39% (0,64) para o fator *Colegial*; na Rodada 2, 2% (0,29) para o fator *Primário* e 13% (0,77) para o fator *Colegial*.

<sup>14</sup> Nunes (1990) em seu estudo sobre a reanálise de *se* apassivador para *se* indeterminador nas passivas pronominais destaca que a queda da concordância naquelas estruturas é sensível à escolaridade.

<sup>15</sup> Dizemos “acima de tudo” porque variáveis lingüísticas também foram selecionadas pelo programa em duas das rodadas.

<sup>16</sup> Estudos sociolingüísticos vêm apontando que a variante inovadora está, quase sempre, atrelada às faixas etárias mais jovens (cf., dentre muitos outros, os artigos de MOLLICA & BRAGA, 2004).

<sup>17</sup> Estudos de uma amostra de faixas etárias inferiores àquelas utilizadas na análise, a fim de se verificar se a curva da mudança se manteria, ou seja, se os mais jovens utilizariam mais a variante *sem se*, seriam bastante interessantes.

	Apl/total	%	PR.
De 25 a 49 anos	88/101	87	0,62
Mais de 50 anos	197/265	74	0,45
Total			

LOG LIKELIHOOD: -166.802    SIGNIFICANCE: .050

**Tabela 3:** Frequência e probabilidade das construções *sem se* segundo a variável *idade*<sup>18</sup>  
(amostra VARSUL)

Segundo Duarte (1999:110), se referindo ao *se indeterminador*,

enquanto decresce o uso do pronome *se*, que alcança, na fala de informantes mais velhos, percentuais próximos aos da construção sem o pronome, na fala de informantes mais jovens, aumenta o uso de formas pronominais plenas, entre as quais destaca-se o uso de *você*.

De acordo com os resultados apresentados nesta seção, nota-se que enquanto na língua falada, conforme os dados da amostra do VARSUL, a frequência de uso do *se indeterminador* é baixa (quando enclítico, seu uso é ainda mais restrito), na língua escrita, representada aqui pela amostra da revista *Veja*, há uma distribuição equilibrada das variantes em questão. Tais resultados nos apontam para uma realidade bastante significativa em relação aos clíticos como um todo, e em especial ao *se indeterminador*, no PB. Há alguns resquícios de ênclise em construções com *se* em língua falada, aparentemente, correlacionados a determinados fatores sociais, tais como idade e escolaridade, atrelados a uma gramática específica, como L2, o que pode ser confirmado pela escrita<sup>19</sup>.

## 2.2 PROPRIEDADES MORFOSSINTÁTICAS DAS CONSTRUÇÕES “SEM SE”

Uma vez que a grande quantidade de dados de indeterminação da amostra VARSUL é de construções *sem se*, e que tal quadro está supostamente atrelado a fatores sócio-estilísticos, conforme discutimos na seção 2.1, buscaremos, nesta seção, apresentar os fatores lingüísticos (ou estruturais) que se mostraram significativos nas

<sup>18</sup> Cf. também os resultados de Duarte (1995), nos quais o uso do *se indeterminador* se limita apenas à fala de informantes de uma faixa etária acima de 50 anos.

<sup>19</sup> Como uma segunda língua (L2), adquirida em instâncias várias, distinta do vernáculo adquirido como primeira língua (L1) (nos termos de Kato, 2005).

rodadas do VARBRUL, bem como discutir os resultados dos fatores que favorecem (ou não) o uso das construções *sem se*. Estaremos tratando, dessa maneira, na discussão subsequente, da Rodada 1.

Em ambas as amostras, a variável *preenchimento (ou não) da posição à esquerda da construção de indeterminação* foi selecionada pelo programa estatístico como significativa para a aplicação da regra<sup>20/21</sup>, Como mostram os resultados expressos pelas tabelas 4 e 5<sup>22</sup>, a seguir, na amostra de língua escrita o preenchimento da posição à esquerda da construção de indeterminação é um ambiente inibidor da variante *sem se*; por outro lado na amostra de língua falada o preenchimento é favorecedor.

	Apl/total	%
Preenchimento	25/92	27
Não preenchimento	67/92	63
Total	92/92	100

LOG LIKELIHOOD: -48.166      SIGNIFICANCE: .004

**Tabela 4:** Frequência das construções *sem se* segundo a variável *preenchimento (ou não) da posição à esquerda da construção de indeterminação* (amostra Veja)

	Apl/total	%
Preenchimento	96/146	66
Não preenchimento	50/146	34
Total	146/146	100

LOG LIKELIHOOD: -43.051      SIGNIFICANCE: .008

**Tabela 5:** Frequência das construções *sem se* segundo a variável *preenchimento (ou não) da posição à esquerda da construção de indeterminação* (amostra VARSUL)

<sup>20</sup> A variável em questão foi a terceira selecionada pelo programa na amostra da revista Veja e a segunda na amostra do VARSUL.

<sup>21</sup> As sentenças com partículas negativas (em sua grande maioria, NEG), conforme exemplos (i) e (ii), antepostas à construção (*EXPL/pronome pessoal/se*) *V(-se)*, não foram consideradas como tendo esta posição preenchida. É como se tais partículas se comportassem como parte do todo verbal.

(i) Não se pode inventar nessa área. *Veja 18 de fev de 2004 – PA*

(ii) Ø não podia comprar, porque não existia macarrão. *FLP08L1206*

<sup>22</sup> As tabelas 4 e 5 foram derivadas dos resultados das tabelas Veja 2 e VARSUL 3, respectivamente, de Martins (2005: 96).

Perante tais resultados, observamos que na amostra de língua falada o preenchimento da posição à esquerda da construção favorece o uso das construções *sem se* (66%), enquanto na amostra de língua escrita o não-preenchimento é que é um ambiente favorecedor (63%), conforme se observa em (13) e (14), a seguir.

(13) Hoje a gente vê as pessoas vir cansada dentro do ônibus, às vezes, do trabalho, uma mãe bota uma criança no lado dela e vem toda vida. *FLP08L0223*

(14) EXPL fala-se de desmatamento na Amazônia como se fosse um problema gerado por atividades vistas como anomalias. *Veja 12 de nov de 2003 PA*

Gonçalves (2004), analisando as construções de terceira pessoa do singular *sem se indeterminador*, elenca algumas sentenças para ilustrar a (a)gramaticalidade de tais construções no que se refere à estrutura temática do verbo da construção. Em todos os contextos apresentados pelo autor, a posição à esquerda da construção de indeterminação é preenchida com algum elemento com massa fonética. Observem-se (15), (16) e (17).

- (15) a. *Nesse lugar* usa brinco no umbigo
- b. *Usa-se* brinco no umbigo.
- c. ? *Usa* brinco no umbigo.<sup>23</sup>
- d. *A gente* usa brinco no umbigo.

(16) *Aqui* vende sapato.

(17) *Nessa biblioteca* lê muito livro.

Estes exemplos ilustram os resultados apresentados na tabela 5, uma vez que o preenchimento da posição à esquerda da construção de indeterminação está correlacionado à construção sem *se*, enquanto o não-preenchimento, por sua vez, está atrelado à construção com *se* (cf. exemplifica a gramaticalidade da sentença (15b)). Acreditamos que, com a elipse do *se*, a posição à esquerda do verbo tende a ser preenchida ou por um elemento pronominal, conforme (15d), ou pelo alçamento de

---

<sup>23</sup> Esta construção, em alguns dialetos do PB, ao menos, não parece ser boa, tendo em vista que a posição de sujeito tende a vir preenchida, ou por um locativo/temporal, como em *Aqui usa brinco no umbigo*, ou pelo alçamento da expressão locativa presente já na estrutura como em *(N)no umbigo usa brinco*.

algum elemento da estrutura, no caso dos exemplos de Gonçalves, uma expressão localizadora, conforme (16) e (17).

A variável *ordem das expressões localizadoras*, apesar de não ter sido selecionada pelo VARBRUL, apresenta resultados pertinentes para a discussão. Observe-se a *tabela 6*, a seguir.

	Apl/total	%
LOC (se) V(-se)	71/80	89
(se) V(-se) LOC	30/52	58
Ausência de LOC	184/234	79
Total	258/366	78

LOG LIKELIHOOD: -68.728      SIGNIFICANCE: .995

**Tabela 6:** Freqüência e probabilidade das construções *sem se* segundo a variável *ordem das expressões localizadoras* (amostra VARSUL)

Os resultados da tabela 6 vêm confirmar nossa hipótese, acerca da ordem das expressões localizadoras, de que o fator *LOC (se) V(-se)* é um ambiente favorecedor da construção *sem se* (89%). Retomando os exemplos (1), (2) e (3) elencados na seção 1, é possível dizer que a anteposição de expressões localizadoras, como em *Nesta casa/aqui cozinha feijão*, faz parte de um estágio intermediário entre a elipse de *se* indeterminador enclítico (*??Cozinha feijão*) e a realização de um pronome pessoal em estruturas de indeterminação (*A gente cozinha feijão*).

### 3. PARA CONCLUIR... PALAVRAS FINAIS

Perante tais resultados, no que concerne às construções transitivas de terceira pessoa do singular com *se enclítico/proclítico* e com a realização (ou não) de um *pronome pessoal* para a expressão da indeterminação no PB, duas gramáticas parecem colorir-se com tintas bastante distintas; de um lado, uma gramática espelhada nas construções conservadoras com *se enclítico*, atrelada às feições de uma língua intermediada pelos dogmas da gramática normativa e, conseqüentemente, à escolaridade (cf. resultados da amostra de língua escrita) e, de outro lado, uma gramática vernacular

(na concepção laboviana do termo) associada a construções inovadoras *sem se*, em sua grande maioria com a realização de um pronome pessoal, utilizadas por falantes com baixa escolaridade (cf. resultados da amostra de língua falada).

Tendo em vista que a mesma variável lingüística foi selecionada nas duas amostras – de língua falada de língua escrita – (cf. tabelas 4 e 5, na seção 2.2), mostrando resultados aparentemente opostos, quando consideradas as construções com e sem se, parece que tais construções estão, de fato, atreladas a um período de mudança sintática em que duas gramáticas ou dois sistemas estariam competindo (nos termos da proposta de Kroch 1989; 1994). Segundo o autor, a convivência de formas lingüísticas que remetem a diferentes gramáticas pode ser atestada em casos de contato lingüístico ou dialetal e em casos em que formas representativas de uma gramática anterior estivessem convivendo com formas de uma gramática nova, pois no percurso de uma mudança, as formas antigas não desaparecem imediatamente de uma língua, mas são substituídas pelas formas novas gradualmente. Nesse segundo caso, a competição mostra o resultado de um processo de mudança, que pode ser atestado, por exemplo, neste trabalho, pelas correlações entre as construções com e sem se e a variável *preenchimento (ou não) da posição à esquerda da construção de indeterminação*. Mais especificamente, a correlação entre o preenchimento da posição à esquerda e a construção *sem se*.

A análise apresentada neste artigo pode ainda corroborar resultados de estudos acerca do fato de que o PB vem, gradativamente, perdendo suas propriedades de uma língua *pro-drop* (cf. Duarte 1995; Costa 2003; entre outros). E, no que tange aos recursos de indeterminação pela gramática do PB, que o recurso mais utilizado na língua falada é aquele associado a construções com pronomes pessoais (cf. estudos como o de Menon 2006, entre outros).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. CAVALCANTE, Sílvia R. de O. *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca nos séculos XIX e XX*. Dissertação de mestrado. UFRJ. Rio de Janeiro. 1999.
2. CHOMSKY, Noam. *The minimalist program*. Cambridge. Mass: MIT Press. 1995.

3. COSTA, Sueli. *O sujeito usado por crianças e adolescentes de Florianópolis: um estudo da ordem e do preenchimento*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. 2003.
4. DUARTE, Maria Eugênia Lamoglia. *A perda do princípio “evite pronome” no Português Brasileiro*. Campinas. UNICAMP: Tese de Doutorado. 1995.
5. \_\_\_\_\_. A sociolinguística paramétrica: perspectivas. In: In: HORA, Dermeval da; CHRISTIANO, Elizabeth. (orgs.) *Estudos Lingüísticos: realidade brasileira*. Idéia: João Pessoa, 1999. p. 107-114.
6. FIGUEIREDO SILVA, M. C. *A posição sujeito no português brasileiro. Frases finitas e infinitivas*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP. 1996.
7. GALVES, Charlotte. *Ensaio sobre as gramáticas do Português*. Campinas: Ed. Da UNICAMP. 2001.
8. GONÇALVES, Alberto. Uma análise de sujeitos genéricos de terceira pessoa do singular em sentenças finitas raízes no Português do Brasileiro. *Working papers em Lingüística*. N.6, Florianópolis. 2004. p. 30-54.
9. KATO, M.A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: M.A.Marques, E.Koller;J.Teixeira & A.S.Lemos. (Org.). *Ciências da Linguagem: 30 anos de investigação e ensino*. Braga: CEHUM (Universidade do Minho), 2005, p. 131-145.
10. KROCH, Anthony. Reflexes of Grammar in Patterns of Language Change. *Language Variations and Change*, 1: 199-244. 1989.
11. \_\_\_\_\_. Morphosyntactic variation. In: Beals et al (eds) *Papers from the 30<sup>th</sup> Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society* (Vol 2): The Parasession on Variation in Linguistic Theory. 1994.
12. \_\_\_\_\_. Syntactic Change In: Baltin & Collins (eds.). *The handbook of contemporary syntactic theory*. Massachusetts. USA: BlackWell. 2001.
13. LABOV, William. Building on empirical foundations. In: Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.). *Perspectives on Historical Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins. 1982. p. 17-92.
14. \_\_\_\_\_. *Principles of linguistic Change: internal Factors*. Oxford: Blackwell. 1994.
15. MARTINS, Ana Maria. Construções com se: mudança e variação no português europeu: In: Ivo Castro e Inês Duarte. *Razões e emoção: miscelânea de estudos em homenagem à Maria Helena Mateus*. Vol. 2. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da moeda. 2003.



16. MARTINS, Marco Antonio. *Entre estrutura, variação e mudança: uma análise sincrônica das construções com -se indeterminador no Português do Brasil*. Florianópolis. UFSC: dissertação de mestrado. 2005.
17. \_\_\_\_\_. Sobre o *se* indeterminador no Português do Brasil: uma proposta morfológica. *Working Papers em Lingüística*. Número 7, 2004. p. 41-58.
18. \_\_\_\_\_. “*Questiona(m)-se verdades*”: A variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural. Florianópolis: UFSC, 2003. Trabalho de Conclusão de Curso.
19. MENON, Odete Pereira da Silva. A indeterminação do sujeito no Português do Brasil: NURC – SP e VARSUL. In: Vandresen, Paulino (org.). *Variação, mudança e contato lingüístico no Português da Região Sul*. Pelotas: EDUCAT. 2006.
20. MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (orgs.) *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 2. ed. São Paulo: Contexto. 2004.
21. NUNES, Jairo M. *O Famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador*. Campinas: UNICAMP. Dissertação de Mestrado 1990.
22. PINTZUK, S. *VARBRUL Program*. Philadelphia: University of Pennsylvania. 1988.
23. WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: Winfred P. Lehmann & Yakov Malkiel (eds.). *Directions for Historical Linguistics*. Austin: University of Texas Press. 1968. pp. 97 -195.

**RESUMO:** Examinaremos sincronicamente a variação de construções de indeterminação no PB em duas amostras distintas: de fala e de escrita. Duas gramáticas atreladas a distintos fatores sociais e lingüísticos parecem estar operando, de modo que a variante conservadora com se parece ceder espaço para a variante inovadora sem se.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indeterminação; construções com *se*; variação.

**ABSTRACT:** We examine synchronically the variation in the construction of indeterminacy in PB in two distinct samples: one spoken language and the other of written language. Two grammars associated with distinct linguistic and social factors seem to be operating, so the conservative variant with se seems to give way to the innovative variant without se.

**KEYWORDS:** Indetermination; *se* construction; variation.

**RESUMEN:** Examinaremos sincrónicamente la variación de construcciones de indeterminación en PB en dos muestras distintas: de habla y de escritura. Dos gramáticas sometidas a distintos

factores sociales y lingüísticos parecen estar operando, de modo que la variante conservadora con se parece dar lugar a la variante innovadora sin se.

**PALABRAS CLAVE:** Indeterminación; construcciones con se; variación.

Recebido no dia 01 de junho de 2007.

Artigo aceito para publicação no dia 25 de junho de 2007.